

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS INOVADORAS: CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

TEACHER TRAINING AND INNOVATIVE PRACTICES: PATHS TO TRANSFORMATIVE EDUCATION

FORMACIÓN DOCENTE Y PRÁCTICAS INNOVADORAS: CAMINOS HACIA UNA EDUCACIÓN TRANSFORMADORA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n9-163>

Data de submissão: 16/08/2025

Data de publicação: 16/09/2025

Enielen Silva de Sousa
Mestranda em Cidades, Territórios, Identidades e Educação
Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: sousaenielen@gmail.com

Janete Rodrigues Botelho
Mestra em Cidades, Territórios, Identidades e Educação
Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA)
E-mail: janegir100@hotmail.com

Silvana de Sousa Pantoja
Mestra em Edu. e Ens. de Ciên. na Amazônia
Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)
E-mail: silvanasousabio11@gmail.com

Mara Rita Duarte de Oliveira
Doutora em Educação
Instituição: UNILAB
E-mail: mararita@unilab.edu.br

Marinilda Corrêa Sardinha
Doutoranda em Educação
Instituição: Fundação Universitária Iberoamericana (FUNIBER)
E-mail: nilda_correa16@hotmail.com

Benedita das Graças Sardinha da Silva
Mestra em Educação
Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA)
E-mail: sardinhadousj@yahoo.com.br

Alexandre Augusto Cals e Souza
Doutor em Educação
Instituição: Universidade Federal do Pará
E-mail: alexandre@ufpa.br

RESUMO

O artigo intitulado “Formação de professores e práticas pedagógicas inovadoras: caminhos para a educação transformadora” tem como objetivo analisar de que maneira a formação de professores pode potencializar práticas pedagógicas inovadoras e, consequentemente, abrir caminhos para uma educação transformadora, que promova autonomia, criatividade e participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Para tanto, o estudo fundamenta-se em um levantamento bibliográfico, mobilizando referenciais teóricos que discutem a complexidade da docência, a importância da formação continuada e a necessidade de práticas pedagógicas inovadoras, tais como Paulo Freire (2019), António Nóvoa (2009), Selma Garrido Pimenta (2012) e Maurice Tardif (2014). O estudo aponta que a formação de professores, quando concebida como processo contínuo e crítico, é capaz de fomentar práticas pedagógicas inovadoras, centradas na participação ativa do estudante, no trabalho colaborativo e na problematização da realidade. O artigo traz em seu escopo que a formação docente crítica, fundamentada em bases teóricas sólidas e no compromisso ético-político com a emancipação do sujeito, constitui caminho indispensável para a efetivação de práticas pedagógicas inovadoras, que contribuem para a construção de uma educação democrática, humanizadora e transformadora.

Palavras-chave: Formação de Professores. Educação. Protagonismo. Saberes. Emancipação Crítica.

ABSTRACT

The article, titled "Teacher Training and Innovative Pedagogical Practices: Paths to Transformative Education," aims to analyze how teacher training can enhance innovative pedagogical practices and, consequently, pave the way for transformative education that promotes student autonomy, creativity, and active participation in the learning process. To this end, the study is based on a bibliographic survey, mobilizing theoretical frameworks that discuss the complexity of teaching, the importance of continuing education, and the need for innovative pedagogical practices, such as those of Paulo Freire (2019), António Nóvoa (2009), Selma Garrido Pimenta (2012), and Maurice Tardif (2014). The study indicates that teacher training, when conceived as a continuous and critical process, can foster innovative pedagogical practices centered on active student participation, collaborative work, and the problematization of reality. The article's scope is that critical teacher training, grounded in solid theoretical foundations and an ethical-political commitment to the emancipation of the individual, constitutes an indispensable path to implementing innovative pedagogical practices that contribute to the construction of a democratic, humanizing, and transformative education.

Keywords: Teacher Training. Education. Protagonism. Knowledge. Critical Emancipation.

RESUMEN

El artículo, titulado "Formación Docente y Prácticas Pedagógicas Innovadoras: Caminos hacia una Educación Transformadora", busca analizar cómo la formación docente puede potenciar las prácticas pedagógicas innovadoras y, en consecuencia, sentar las bases para una educación transformadora que promueva la autonomía, la creatividad y la participación activa del alumnado en el proceso de aprendizaje. Para ello, el estudio se basa en una revisión bibliográfica, utilizando marcos teóricos que abordan la complejidad de la docencia, la importancia de la formación continua y la necesidad de prácticas pedagógicas innovadoras, como los de Paulo Freire (2019), António Nóvoa (2009), Selma Garrido Pimenta (2012) y Maurice Tardif (2014). El estudio indica que la formación docente,

concebida como un proceso continuo y crítico, puede fomentar prácticas pedagógicas innovadoras centradas en la participación activa del alumnado, el trabajo colaborativo y la problematización de la realidad. El objetivo del artículo es que la formación docente crítica, fundamentada en sólidos fundamentos teóricos y un compromiso ético-político con la emancipación individual, constituye un camino indispensable para implementar prácticas pedagógicas innovadoras que contribuyan a la construcción de una educación democrática, humanizadora y transformadora.

Palabras clave: Formación Docente. Educación. Protagonismo. Conocimiento. Emancipación Crítica.

1 INTRODUÇÃO

A formação de professores tem se consolidado como um dos pilares centrais para o fortalecimento da educação em sociedades marcadas por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas. Nesse contexto, práticas pedagógicas inovadoras emergem como alternativas fundamentais para superar modelos tradicionais de ensino e promover uma aprendizagem mais significativa. Neste sentido, pensar a formação docente articulada a metodologias inovadoras implica compreender o papel do professor como mediador crítico e reflexivo, capaz de fomentar o protagonismo estudantil e contribuir para a construção de uma educação verdadeiramente transformadora. Assim, este artigo busca discutir de que maneira a formação de professores pode potencializar práticas pedagógicas inovadoras? E, consequentemente, como abrir caminhos para uma educação que atenda às demandas contemporâneas, promovendo autonomia, criatividade e participação ativa dos sujeitos no processo educativo?

Vale ressaltar que o presente estudo tem como objetivo geral analisar de que maneira a formação de professores pode potencializar práticas pedagógicas inovadoras e, consequentemente, abrir caminhos para uma educação transformadora, que promova autonomia, criatividade e participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. Para atingir esse propósito, o trabalho busca, primeiramente, compreender, à luz de referenciais teóricos, a relação entre formação docente e inovação pedagógica.

Além disso, procura refletir sobre as experiências práticas vivenciadas pelas pesquisadoras em seus contextos de atuação, identificando tanto os desafios quanto as possibilidades inerentes à implementação de práticas inovadoras no espaço escolar. Por fim, pretende-se discutir como a articulação entre teoria e prática pode contribuir para a construção de uma escola democrática, inclusiva e em sintonia com as demandas contemporâneas, reafirmando a centralidade da formação docente no fortalecimento de uma educação crítica e transformadora.

A escolha metodológica pautou-se em uma abordagem de natureza bibliográfica, com a finalidade de reunir, analisar e discutir referenciais teóricos que tratam da formação de professores, inovação pedagógica e educação transformadora. O estudo buscou, em autores contemporâneos, bases para refletir sobre os desafios e as possibilidades que emergem no cenário educacional atual, sobretudo no que se refere à necessidade de alinhar práticas pedagógicas às demandas de uma sociedade em constante transformação.

A pesquisa bibliográfica é fundamental em estudos sobre formação de professores e práticas inovadoras, pois fornece uma base sólida para compreender o que já foi produzido no campo educacional e como esse conhecimento pode orientar novos caminhos. Segundo Antônio Nôvoa (1995,

p. 25), “a formação de professores deve ser pensada numa perspectiva de desenvolvimento pessoal e profissional, em que o professor se reconheça como sujeito de sua própria formação”. Ao revisitar produções acadêmicas, o pesquisador encontra não apenas conceitos, mas também visões críticas que iluminam os desafios da prática docente e reforçam a necessidade de uma educação transformadora.

Esse movimento de diálogo com a literatura vai além de um levantamento teórico; é também um ato de escuta e reconhecimento. Freire (2019, p. 32) afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Nesse sentido, ao estudar autores que inspiram práticas inovadoras, o pesquisador não se limita a repetir ideias, mas passa a refletir criticamente sobre como essas concepções podem ser aplicadas e reinventadas na realidade escolar. A pesquisa bibliográfica, portanto, funciona como um espaço de encontro entre passado, presente e futuro da educação, permitindo que novas propostas não surjam do vazio, mas de um diálogo contínuo e fecundo.

A relevância desse tipo de pesquisa também se revela no compromisso ético de dar legitimidade ao trabalho acadêmico. Segundo Tardif (2014, p. 45) “o saber dos professores é plural, formado pela junção de saberes oriundos da formação, da experiência e das interações sociais”, ao articular os saberes já produzidos na literatura com novas perspectivas, o pesquisador contribui para o fortalecimento da profissão docente e para a construção de práticas pedagógicas que valorizem tanto o professor quanto o aluno. Assim, a pesquisa bibliográfica não é apenas um requisito metodológico, mas um gesto de cuidado com o conhecimento e com a possibilidade de transformação social por meio da educação.

Dessa forma, a metodologia utilizada buscou não apenas mapear contribuições teóricas relevantes, mas também articular essas reflexões com a realidade prática, de modo a evidenciar como a formação docente, quando alinhada a práticas inovadoras, pode favorecer a construção de uma educação que priorize a autonomia, a criatividade e a participação ativa dos estudantes. Assim, abre-se espaço para a consolidação de uma escola mais democrática, humanizada e em sintonia com as demandas contemporâneas.

2 DESAFIOS DA PROFISSÃO DOCENTE E A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA: DEMANDAS SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS

A profissão docente tem atravessado, nas últimas décadas, transformações profundas diante das mudanças sociais e tecnológicas que marcam a contemporaneidade. O professor, antes visto quase exclusivamente como transmissor de saberes, hoje é convocado a assumir múltiplos papéis, adaptando-

se a novas demandas de uma sociedade em constante mutação. Esse processo exige reflexão crítica sobre sua prática, seus saberes e o sentido da educação em um mundo digitalizado e globalizado.

Freire (2019) já alertava que a educação não é neutra: ela pode tanto reproduzir estruturas opressoras quanto libertar sujeitos. Assim, o docente enfrenta o desafio de mediar saberes em uma realidade onde as tecnologias, ao mesmo tempo que ampliam o acesso à informação, também podem aprofundar desigualdades.

Os saberes docentes são múltiplos, resultantes de formações, experiências e interações sociais. Frente às mudanças sociais e tecnológicas, esses saberes precisam ser constantemente atualizados, mas sem perder de vista o vínculo humano que sustenta a prática educativa como bem reforça Tardif (2014).

Ou seja, a identidade docente se constrói na articulação entre formação, experiência e contexto histórico. Hoje, o professor deve reconstruir continuamente sua identidade profissional, lidando com novos papéis impostos pelas tecnologias digitais e pelas demandas de uma sociedade hiperconectada.

Portanto, refletir sobre os desafios e demandas atuais é compreender que o trabalho docente não se limita à sala de aula, mas se expande às dimensões sociais, políticas e culturais. Entre os principais desafios está a necessidade de lidar com estudantes que já nascem em contato com tecnologias digitais. Esses sujeitos apresentam novas formas de aprender, interagir e produzir conhecimento, o que exige dos docentes novas metodologias de ensino.

Neste sentido, a simples presença de tecnologias na escola, contudo, não garante uma educação transformadora. Como adverte Freire (2019), é fundamental que os professores assumam uma postura crítica diante das ferramentas digitais, buscando usá-las como instrumentos de libertação e não de alienação.

Nesse cenário, cresce a demanda por formação continuada. Nóvoa (2009) argumenta que o desenvolvimento profissional docente deve ser entendido como processo contínuo, em que o professor constrói coletivamente saberes e práticas. Essa perspectiva se torna ainda mais urgente em uma sociedade em constante inovação tecnológica. Nóvoa (2009) ainda, chama a atenção para o papel do coletivo na formação docente. Frente às demandas atuais, não basta investir apenas em competências individuais; é preciso fortalecer comunidades de aprendizagem entre professores, de modo a partilhar experiências e enfrentar juntos os desafios.

Segundo Tardif (2014), o professor não pode ser visto apenas como aplicador de metodologias, mas como sujeito que produz saberes a partir de sua prática. As mudanças sociais e tecnológicas, portanto, não substituem o papel docente, mas exigem que ele seja ressignificado. Outro desafio que se impõe é a sobrecarga emocional e psicológica vivida pelos professores. A pressão por resultados,

somada às transformações sociais e às exigências de adaptação tecnológica, coloca em xeque o bem-estar docente, comprometendo, muitas vezes, a qualidade do ensino.

Além disso, as novas tecnologias, se bem utilizadas, podem potencializar a criatividade docente, permitindo metodologias mais interativas e colaborativas, mas para isso é preciso formação adequada, tempo para planejamento e apoio institucional. O professor, portanto, deve ser visto como protagonista do processo educativo, e não como simples executor de demandas externas. É nesse protagonismo que se encontra a possibilidade de enfrentar os desafios e demandas do presente.

A profissão docente, mais do que nunca, exige coragem. Coragem para dialogar com as transformações sociais, coragem para reinventar práticas pedagógicas e coragem para resistir a políticas que desvalorizam o trabalho do educador. Ao mesmo tempo, é uma profissão que traz esperança. Como afirma Freire (2019), a educação é prática da liberdade e da esperança. O professor, em sua ação cotidiana, semeia possibilidades de um futuro mais justo e humano.

Assim, refletir sobre os desafios e demandas da profissão docente é também afirmar sua relevância. Em um mundo de mudanças aceleradas, o papel do professor permanece insubstituível, pois é ele quem dá sentido humano ao processo educativo. Em suma, a profissão docente enfrenta múltiplos desafios frente às mudanças sociais e tecnológicas. Contudo, apoiados em uma prática crítica, reflexiva e coletiva os professores podem transformar tais desafios em oportunidades de reinvenção, reafirmando a docência como prática essencial para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

O educador encontra vários desafios no ambiente educacional, a escola é um espaço de efetivação para práticas que envolvem diversas construções de saberes e o professor é mediador nesse processo de aquisição dos conceitos, por isso ele precisa buscar leituras, pesquisas, formações para ser um profissional de qualidade na construção dos conhecimentos, por meio de didáticas que dialoguem e enfrentem as dificuldades de aprendizagens dos estudantes. Para Nóvoa (1995), existe inúmeros desafios no espaço educacional, porém essa mudança só acontecerá quando as atitudes partirem do educador para contribuírem na transformação de um ambiente de qualidade para nossos alunos, respeitando suas necessidades. E a formação é importante para esses progressos educacionais. Assim,

A formação de um profissional não se limita à aquisição de determinados conhecimentos ou determinadas competências, implica vivências, interações, dinâmicas de socialização, a apropriação de uma cultura e de um ethos profissional. É uma realidade complexa que exige uma presença e um trabalho em comum entre quem se está a formar e quem já é professor [...] (NÓVOA, 1995, p. 15).

O professor para trabalhar de modo dialógico, crítico, ele tem que iniciar de uma atitude elaborada com metas a serem alcançadas, uma ideia filosófica com intenções bem explicadas e traçadas, conduzindo o estudante, resgatar suas vivências e apropriar-se das suas culturas como algo valioso. Segundo Freire (2019), o ensino aprendizagem deve ser dialogal a diversidade, na realidade de cada aluno, para que seja uma construção de fundamentos de direitos, comunicativo e em conformidade com suas necessidades, ou seja, para o professor ter posicionamentos críticos no espaço da escola, deve buscar formações que fortaleçam práticas libertadoras nas construções dos saberes para um ensino de qualidade e de equidade para todos que envolvem o ambiente educacional. Conforme Freire, (2019, p. 10).

O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar.

Corroborando Növoa, afirma que “a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada” (1995, p. 13). Contudo, percebemos na fala do autor que a formação fortalece o profissional nas suas práticas pedagógicas de forma segura, possibilitando uma autonomia no seu papel em sala de aula de maneira participativa, dialógica, pois estimula o educador pensar, recriar e executar de modo expressivo no âmbito educacional, construindo um ensino de qualidade que emerja das dificuldades dos alunos.

Ainda segundo Luckesi (2006), o profissional, precisa sair da sua zona de conforto para quebrar paradigmas e enfrentar novos desafios e ele só permitirá chegar nesse caminho educativo refletindo, criando, refazendo e praticando com seus estudantes no espaço escolar. O aluno tem que ter a oportunidade de aprender os saberes de forma expressiva, contextualizada, didática que enfrentem e debatem criticamente suas deficiências, porém para realizar o professor tem que doar-se de coração, buscar formações para lutar contra os desafios e assim conseguir construir com seus alunos conhecimentos prazerosos, pois:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 2019, p. 25).

Neste sentido, o professor deve transformar seu ambiente de trabalho por meio de uma didática que converse e enfrente os problemas dos seus educandos, ele precisa buscar estratégias, ele é um autor que pode mudar o cenário através de suas aulas críticas-reflexivas em que o aluno consiga desenvolver âmbito educacional. Para Freire (2019), o que interessa nos estudos docentes, não é a repetição dos conteúdos, dos gestos, da rotina a qual está aquele educando, para ele o profissional tem que estar atento aos sentimentos, a curiosidades, aos medos de que inquieta este estudante, possibilitando autonomia, a coragem de vencer seus obstáculos no próprio ambiente de construção de saberes. Assim,

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica (FREIRE, 2019, p. 20).

O docente é um ator importante, de iniciativa em sala de aula, seu papel é enfrentar as adversidades encontradas, segundo Freire (2019), ou seja, professor precisa estar cada vez mais próximo das diferenças dos seus alunos, da sua realidade para que consiga desenvolver aprendizados significativos com seus pupilos no âmbito educacional.

Para Freire (2019), o professor precisa esforçar-se para recriar em seu espaço de evolução de conhecimentos, os estudos de suas práticas devem ser permanentes, uma vez que nenhuma atividade pedagógica é criada sem sentido, mas no espaço histórico, contextualizado, social, econômico, em ambientes diversos. E o professor é um ator fundamental nesse campo para buscar entender essas inquietações que envolvem nossos estudantes, e a formação continuada é uma atitude responsável que possibilita uma escola democrática, livre, justa e igualitária.

Contudo, pensar em uma educação na perspectiva da transformação humana, requer pensar no ser humano como um todo, constituído por suas fragilidades diante das amarras humanas, mas também dotado de potencialidades para emancipar-se dessas amarras.

E a existência desses sujeitos reais atravessam a história e desafiam a escola para o compromisso com sua condição histórica e social, a fim de, dialogicamente e interativamente, construir alternativas para instrumentalizar esses sujeitos para o exercício diário de resistências e de libertação. Um dos grandes legados freiriano é nos fazer refletir sobre a necessidade da humanização, da conscientização, da educação humanizadora, democrática, para assim, nos libertar e libertar o oprimido de tal condição.

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso nos faz pensar em modificar o mundo (FREIRE, 1979, p. 16-17)

E a educação pode ser um viés para problematizar a realidade vivida, buscando nas práticas sociais dos sujeitos que compõem a educação, o fio condutor das discussões e o elemento essencial para agregar seus saberes, que são carregados das experiências vividas, aos conhecimentos formais que são produzidos pela ciência e socializados na escola. E assim, garantir a intersecção entre os saberes da experiência e o conhecimento formal, de modo que um possibilite a instrumentalização para a ação do outro.

A educação, como prática social estabelecida, é um espaço fundamental de produção individual e coletiva de significados e práticas que tenham como perspectivas a intervenção na vida objetiva e subjetiva dos homens, servindo como instrumento de leitura, análise e intervenção na realidade, concretizando no cotidiano vivido a formação do homem. (BRITO, 2016, p. 42)

Tal perspectiva de trabalho requer que o professor se debruce para fazer de seu planejamento e da execução de seu trabalho, momentos verdadeiros de aprendizado, que oportunize melhor leitura do mundo e vise a transformação da realidade. Para Freire (2011, p. 95)

Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei. Mas, este, repito, não é saber de que apenas devo falar e falar com palavras que o vento leva. É saber, pelo contrário, que devo viver concretamente com os educandos. O melhor discurso sobre ele é o exercício de sua prática.

Tais palavras demonstram que, para além de verbalizar, o professor precisa demonstrar preocupação e perspectivas de mudanças em suas ações diárias. Freire nos provoca a pensar e agir para que a educação seja notadamente um mecanismo para a promoção da justiça social. Para isso, deve ser dialógica, crítica, problematizadora, promover a dignidade do sujeito e manter coerência entre falar e agir, entre concepção e ação.

3 A CRIATIVIDADE E A FORMAÇÃO CRÍTICA DO PROFESSOR: EXPERIMENTAÇÃO, REFLEXÃO E EMANCIPAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Pensar uma educação que venha contribuir não só com o mercado de trabalho, mas também para a vida em sociedade, que seja crítico e reflexivo é pensar em uma educação que leve em consideração a criatividade e a capacidade de experimentar, os quais, são essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. O processo ensino-aprendizagem é um nome para um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e alunos (KUBO; BATOMÉ, 2001). Nesse sentido, o professor deve criar um ambiente que venha conectar a teoria à prática, para assim, desenvolver a autonomia do aluno, diante de um cenário em que ele se encontra, cercado pelos desafios das inovações tecnológicas cada vez mais presentes em seu cotidiano.

Além disso, a criatividade e a experimentação são mecanismos que podem auxiliar professores e alunos no engajamento ativo da atividade, fazendo com que estes, compreendam mais profundamente os conceitos a partir do pensamento crítico, melhorando também a capacidade de resolver determinados problemas. Nesse processo, em vez dos alunos simplesmente memorizarem informações, ou conteúdo, eles serão protagonistas de seu próprio aprendizado, desenvolvendo habilidades críticas. Essa abordagem é corrobora com autores como Freire, que defende uma educação dialógica onde o educador e educando constroem juntos o conhecimento (FREIRE, 2019). Tanto a criatividade como a experimentação têm papéis importantes para o processo de ensino-aprendizagem, porém elas não devem acontecer de qualquer forma, é preciso antes de tudo, planejamento e que essas sejam pensadas a partir da participação dos alunos. Logo, o professor tem um papel fundamental para a realização dessas atividades, visando o desenvolvimento do aluno a partir da sua participação e do seu envolvimento.

A criatividade permite que os alunos expressem suas ideias de maneira inovadora, contribuindo para uma aprendizagem mais autônoma e motivadora. Além disso, ela está diretamente relacionada ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, colaboração e resiliência (ESTEVAM, 2021). De acordo com a autora, essa é uma habilidade que deve ser fomentada desde a infância, pois permite que os indivíduos pensem fora das convenções e encontrem soluções inovadoras para problemas complexos. Dessa forma o professor precisa usar a criatividade ao seu favor, não é simplesmente criar algo, mas ter em mente o que essa criação vai possibilitar para o seu aluno, formulando atividades que estimulem a criatividade de preferência a partir da interdisciplinaridade, levando em consideração os mais variados contextos em que os alunos se encontram, possibilitando que estes, sejam criativos.

Logo, o ambiente escolar enquanto instituição de ensino, deve auxiliar o professor na execução dessas atividades, uma vez que não basta só boa vontade do professor e dos alunos. Com referência a esse ambiente, o professor constitui elemento chave para facilitar o desenvolvimento do potencial criador dos alunos. Para tanto, a escola precisa ser um espaço que cultive e valorize as ideias originais de seus educadores, oportunizando o desenvolvimento e o desabrochar de habilidades que muitas vezes esse profissional desconhece possuir.

Lubart (2007), destaca que, mesmo que esses profissionais tentem desenvolver no contexto escolar práticas que estimulem o pensamento criativo, enquanto não houver um investimento em sua formação (inicial e continuada) com relação à importância dos aspectos cognitivos, conativos e ambientais no desenvolvimento da criatividade a escola continuará não trabalhando as habilidades criativas ou o fará de forma intuitiva e despreparada, sem conseguir atender à crescente demanda da sociedade por indivíduos mais criativos e que saibam enfrentar os constantes desafios dos dias atuais. Dessa mesma forma deve acontecer o processo de experimentação, onde as atividades experimentais possam possibilitar uma troca de saberes entre os sujeitos envolvidos no ato educativo.

A experimentação é uma metodologia essencial no ensino, pois proporciona aos alunos uma experiência prática que complementa a teoria, não apenas facilita a compreensão de conceitos complexos, mas também estimula o interesse e a curiosidade dos estudantes nas mais diversas esferas do aprendizado, pois as atividades práticas a partir de experimento faz com que os alunos possam investigar uma situação, questionando e buscando explicações para determinados fenômenos da natureza. O fato de questionar e buscar explicações, contribui para a formação cidadã desse aluno, que passa a olhar os fenômenos além do acontecimento, mas o porquê desse acontecimento.

É importante destacar, que para ocorrer o processo de ensino aprendizagem a partir da experimentação, ela precisa envolver os alunos de forma prática, onde eles serão protagonistas do processo, é o que “chamamos de meter mão na massa”, os alunos precisam participar ativamente, não sendo somente receptores do que o professor está fazendo, pelo contrário ele precisa fazer para então observar. Segundo Freire (2019), a aprendizagem ativa envolve a participação do aluno no processo educativo, onde ele é incentivado a construir seu conhecimento.

Para Freire a verdadeira formação docente acontece entre a curiosidade epistemológica em conexão com o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição e adivinhação (2019, p.45). Desse modo, o professor entrelaça um testemunho de decência (sensibilidade ética) e de pureza (sensibilidade estética) para desenvolver a aprendizagem e a formação de meninos e meninas nos diferentes contextos escolares, em especial, podemos frisar no contexto da região amazônica, onde se insere a atuação profissional dos pesquisadores/autores deste trabalho.

Dialogando com Pimenta (2005), podemos observar que os caminhos que estão sendo tomados em relação a formação docente não têm sido tão eficazes em relação ao processo formativos, o que tem originado discussões para se pensar em estratégias necessárias e um dos caminhos apontados é a construção de uma identidade profissional para o professor, que se dará desde o início da formação e constantemente na construção de uma formação que segundo Freire (1996), deve ser permanente.

Se dará também do ponto de vista de se trabalhar às necessidades das realidades vivenciadas pelas escolas em seus contextos históricos e sociais, das experiências compartilhadas através do coletivo docente, da investigação, sempre em uma perspectiva crítico-reflexiva, pois, “espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano”, (PIMENTA 2005).

É nesse sentido que a formação deve estimular a criticidade, a construção de professores politizados, emancipados, mobilizadores do saber, que constroem e também se reconstroem a medida em que ensinam, que formam e enquanto formam exercem a reflexão crítica sobre a prática, pois, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 1996).

O (a) professor (a) tem a potencialidade de decidir a formação de estilo e de prática que pretende assumir e desenvolver no chão da sala de aula, de adquirir conhecimentos, conteúdos e habilidades necessários para construção da sua formação docente de modo que possibilita articular os conteúdos e os saberes que são produzidos a partir das vivências e experiências por seus alunos para aquisição do ensino-aprendizagem em uma promoção permanente e significativa.

Neste processo educativo e de construção da formação docente o (a) educador (a), educando e a escola estão harmoniosamente interligados e indissociáveis, caso contrário:

Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 2013).

Essa busca por uma formação de professores e professoras permanente se dar à medida em que o sujeito do processo estabelece uma relação de conscientização em relação a seu processo formativo, submetendo-se pela prática de ensinar-aprender, levando em consideração “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.” (FREIRE, 1976).

Freire nos proporciona elementos que se tornam indispensável a busca da formação permanente, um deles é o pensar criticamente sobre o exercício da prática, que dialogando com Nôvoa propõe a formação numa perspectiva que denomina crítico reflexiva que "forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de formação auto-participada" (NOVOA 1995 *Apud* PIMENTA 2002).

Outro elemento necessário ao processo de formação permanente, esse talvez o mais indispensável, pois, potencializa o sujeito a necessidade de inserir-se num permanente movimento de busca, sendo ela é a consciência do inacabamento.

Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros [...]. É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. (FREIRE, 2019.p.18).

É tomando consciência do inacabamento que nos tornamos sujeito participante do constante processo pela busca, inacabados e conscientes do inacabamento o que os tornas curiosos, indagadores, o que possibilitam aos docentes se entregarem por uma busca permanente do ser mais. É tomando consciência do inacabamento, como pelo buscar constante que nesse processo de intervenção que se tornam capazes de transformar a realidade que o cercam segundo Paulo Freire.

Em consonância com os autores Saul; Saul (2004) que também se alinham ao pensamento de Paulo Freire acerca da formação docente enquanto formação permanente e ideia do ser humano como ser inacabado, inconcluso. Eles afirmam:

Para Paulo Freire, a formação permanente pressupõe que o formador e o formando compreendam-se como seres inconclusos e que essa é uma condição humana que impele o homem a se enveredar, curiosamente, na busca pelo conhecimento de si e do mundo. Freire considera que essa é uma vocação ontológica e que, ao perceberem que o destino não está dado, os sujeitos possam, cada vez mais, ser capazes de (re)escrever suas histórias, contribuindo para a mudança da ordem social injusta que desumaniza e oprime (SAUL, 2016, p.25).

Os autores também enfatizam o compromisso ético que os professores devem assumir com a vida de seus alunos e a transformação social e, com a própria formação permanente, que deve se dispor a continuar sempre aprendendo ao longo da sua trajetória de atuação docente e compreendendo que é necessário o engajamento na formação.

A formação permanente freireana como princípio para políticas, programas e práticas de formação de educadores pode se constituir em um compromisso ético a ser assumido por

educadores críticos que desejam romper com o mito da neutralidade da educação e com a adaptação dos seres humanos a uma suposta vida em harmonia em uma sociedade marcada pela desigualdade. Significa pensar dentro da *linguagem da possibilidade*, em que o presente e o futuro podem ser criados e recriados, a partir de uma práxis social organizada coletivamente (SAUL, 2016, p.33).

Portanto, se torna indispensável “valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas.” (NOVOA, 2011, p.64). E ainda pensando, especificamente humana, a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente. (FREIRE, 1996) para promover a consciência, autonomia e emancipação de seus alunos e alunas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa perspectiva, considera-se que o professor-pesquisador, é um protagonista de mudanças significativas na sala de aula, principalmente nas buscas de metodologias diferenciadas, materiais inovados, com o intuito de trazer melhorias no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

E, assim, é observado que o ensino e o professor em atuação, tem uma função social, pois educar tem uma finalidade, o professor e seu compromisso com a melhoria contínua transformam seu fazer pedagógico em um espaço de inovação. Desse modo, esse professor transforma a sala de aula em um constante ambiente de investigação, melhorando a qualidade de ensino, formando alunos mais curiosos e críticos e preparados.

Além disso, este professor reflete sobre a prática, pois consegue rever criticamente sobre o que funciona e o que não funciona em sua sala de aula. Observando a eficácia de suas estratégias, percebe as dificuldades dos alunos, e o impacto de suas intervenções. Essa autoavaliação contínua permite que ele ajuste seu plano de aula e melhore o desempenho dos estudantes.

Nesse sentido, o professor reflexivo é investigador tem a capacidade de examinar sua prática, questionar seus valores, identificando seus problemas e formulando hipóteses, assumindo a responsabilidade por seu desenvolvimento profissional.

Deste modo, o aprendizado é uma jornada de descobertas compartilhadas, o professor ao trazer a pesquisa para a sala de aula incentiva os alunos a também se tornarem pesquisadores. Aprendem a questionar, a buscar respostas, a analisar informações e a construir o próprio conhecimento, tornando

o aprendizado mais significativo e estimulante, transformando o estudante de um receptor passivo em um agente ativo do próprio processo de aprendizagem.

Contudo, o professor pesquisador tem ofertado mudanças significativas na sala de aula e no ensino, e, para que esse processo perdure ainda mais é de suma importância que haja mais investimentos e oportunidades aos professores nas instituições que ofertam cursos de pós-graduações e/ou aperfeiçoamento. Onde fato, a integração de teoria e prática, se faça mais presente nos ambientes escolares. E, assim, desenvolver habilidades de pesquisa, onde alunos têm a oportunidade de desenvolver vivenciar a pesquisa, desde a Educação Básica aprendendo a coletar, analisar e interpretar dados, o que os prepara melhor para desafios acadêmicos e profissionais futuros. E neste sentido, essas mudanças refletem uma transformação no papel do professor, que deixa de ser um mero transmissor de conhecimento para se tornar um facilitador do aprendizado dos alunos. e um guia no processo de investigação.

REFERÊNCIAS

BRITO, Diselma Marinho. A formação de jovens e adultos do campo: um estudo da experiência do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Município de Abaetetuba–PA. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.

ESTEVAM, Paloma. A importância da criatividade na educação: Como estimulá-la para um aprendizado inovador. Rubeus, 2021. Disponível em: <https://rubeus.com.br/blog/a-importancia-da-criatividade-na-educacao/>. Acesso em:25/08/2025

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 5^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. [tradução de Kátia de Mello e silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GADOTTI, Moacir. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

KUBO, Mitsue; BOTOMÉ Sílvio Paulo. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. Olga revista Interação em Psicologia 2001

LUBART, T. (2007). Psicologia da criatividade. Porto Alegre: Artmed

LUCKESI, C. C. Formalidade e criatividade na prática pedagógica. Revista ABC EDUCATIO, nº 48, agosto de 2006. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_uem_ped_md_maria_odete_rodrigues_bernardelli.pdf acesso agosto de/2022

NÓVOA, A. (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995

_____. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

_____. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: O ofício de ser professor: histórias, perspectivas e desafios internacionais. Maurice Tardif, Claude Lessard; tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 201.

PIMENTA, Selma Garrido. Saberes pedagógicos e atividade docente. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. Contribuições de Paulo Freire para a formação de educadores: fundamentos e práticas de um paradigma contra-hegemônico. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 19-35, jul./set. 2016

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.